

A evidência

Tinham começado as aulas há pouco. No jardim-de-infância, as jovens educadoras (algumas muito jovens mesmo) recebiam as primeiras estagiárias. Era o primeiro contacto destas com a realidade, a formação no terreno, como então dizíamos.

Uma dessas minhas alunas procurou-me preocupada pois não sabia muito bem como agir.

Professora, contava ela, uma das meninas que está na minha sala está coberta de piolhos, pode iniciar-se um surto de pedicolose? Já lhe lavei a cabeça, dei o champô para ela levar à mãe, mas ela continuou a chegar cheia de daquilo, com muitas lêndeas, e eu já não sei que fazer. É que chamei a mãe. Ela lá apareceu; até que nem ia mal arranjada embora à moda do campo. Ia assim, sei lá, assim de socos, avental e o cabelo apanhado. E até dava a ideia de estar limpa mas a cabeça estava cheia de lêndeas, eram tantas que parecia que tinha a cabeça com farinha. Depois eu falei-lhe da filha, de como ela estava mal com aquele problema, que era perigoso para a saúde dela e também das outras crianças e até evitava olhar-lhe para a cabeça enquanto falava, porque era como se estivesse mesmo a falar dela também.

Expliquei-lhe que tudo se podia tratar mesmo com o champô que eu mandara pela miúda? e que pelos vistos ela não usara? e de como devia lavar a cabeça da filha com alguma regularidade e, se possível, (aqui senti-me corar) também a das outras pessoas da família.

Foi quando ela me interrompeu, nada aborrecida mas apenas preocupada com a minha preocupação:

— Não vale a pena, menina, deixe lá, não se esteja a afligir..., disse ela

— Não vale a pena porquê? Perguntei admirada.

— Porque nem a ela aquilo vai passar nem ela vai pegar às outras crianças?

— Porque diz isso? Insisti com ela.

— Porque isto é a modos que uma doença que temos. É, como é que se diz? Hereditário?

— Hereditário?!

— Sim, ela tem, eu sempre tive, a minha mãe sempre teve e a minha avó também tinha. Isto é mas é uma doença de família. Vê-se logo que é hereditário?

Não sei o que fazer, professora?

Quando a minha aluna terminou a sua história fiquei um pouco sem saber o que dizer. A argumentação estava correcta: tínhamos as provas. As situações que se repetiam, as diferentes gerações com um mesmo problema, logo a conclusão, para aquela mãe, só podia ser aquela. A **evidência** impunha-se por si mesma. Aquela era a argumentação da **evidência**.

A mesma argumentação que se usa para reafirmar *que os da família dos Melros são sempre assim: já fui professora do pai, dos irmãos mais velhos e agora deste. Nunca conseguiram aprender nada. Logo, ele também não conseguirá?*

Alguns pais dizem que se nasce com vocação para uma coisa: ou jogador de futebol, ou serralheiro ou médico. É tudo uma questão de vocação, basta ver o que faziam os pais e os avós?

Os alunos de famílias pobres são sempre mais fracos a matemática? e talvez isto seja também uma questão de vocação ou de hereditariedade. Daí que a meritocracia possa beneficiar menos os ricos que os pobres. Mostra-se à **evidência** que estes serão duplamente beneficiados: o mérito de terem sucedido e o mérito de se poderem comparar com os ricos? a minoria que conseguir, claro.

Como refere António Nóvoa, **o que é evidente mente, evidentemente.**